

O QUE É A TEORIA LITERÁRIA AGORA?

Raul FIKER*

Quero tratar aqui - muito *en passant*, é claro, apenas levantando algumas questões básicas e cutucando alguns problemas cabeludos (com vara bem longa) - do engajamento da teoria literária. Consoante com a atmosfera pós-moderna que envolve o tema da política da teoria literária, o título desta breve intervenção pretende ser paródico no sentido de referir-se ao texto de Sartre (*O que é a literatura?*) - e aproveito então para perguntar, de uma maneira geral, além da questão atual do engajamento: o que é a teoria literária (agora)?

Curiosamente, se formos começar a responder pelas origens, histórica (ou *diacronicamente*, para manter a atmosfera acima mencionada), vamos ver que a teoria literária - ou a proto-teoria literária - já nasce emaranhada nesta questão, que pode ser vista até como a causa de seu nascimento. Pois a teoria literária nasce no contexto das preocupações platônicas com a forma ideal do Estado. E este nascimento é assinalado pela expulsão do poeta da República platônica.

Se no *Ion* as ressalvas de Platão são dirigidas à característica de possessão daimônica do poeta e no *Fedro* a poesia é desqualificada como mimese (no caso, imitação da imitação), é na *República* que, neste mesmo diapasão, Platão vai discutir mais sistematicamente a manifestação literária - sempre em seu lugar no quadro da cidade ideal. E ele o faz, como se diz desde então, dela "expulsando o poeta". Isto a partir não só de uma crítica de seus efeitos extrínsecos perniciosos à educação do cidadão (o deus que se disfarça, o conflito entre os deuses, sua falta de decoro, etc.), mas também de suas características intrínsecas, procedendo ao exame - e ao que consta é a primeira vez que isto é feito - de certos aspectos formais da literatura, como

* Docente do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia-Faculdade de Ciências e Letras-UNESP-Araraquara.

seus tipos de mimese e o papel do narrador, mas sempre subordinando a análise ao âmbito político, mais precisamente aos seus fins políticos.

Nas *Leis*, Platão volta a se ocupar da manifestação literária, repetindo e desenvolvendo a linha da *República* e acrescentando outros argumentos contra ela, entre os quais o de que se Homero fosse realmente bom ele não cantaria sobre Aquiles mas *seria* Aquiles (e é curioso notar que até nesta precedência da *praxis*, o primeiro grande censor político sistemático utópico da literatura fixa uma jurisprudência para sua legião de pequeninos seguidores nos séculos seguintes). É importante notar que aqui a crítica da literatura se funde, como no *Fedro*, às complexas posições platônicas em relação à *escrita* - ou *escritura* (para lembrar que um dos exemplos mais conhecidos da chamada prática desconstrucionista - prática esta que será importante para o engajamento da teoria literária - , *A Farmácia de Platão*, de Derrida, parte deste texto. Que se observe, portanto, que a análise filosófica de Derrida que gerou a modalidade desconstrucionista adotada mais tarde pela teoria literária - e como estratégia de *ação* por grupos minoritários - tenha recorrido a um dos textos-matrizes da própria teoria literária em geral.). E constatamos também que a teoria literária já nasce *engajada* - isto é, engajada por Platão em seu projeto político (que inclui a exclusão da literatura).

Aristóteles de certa forma restituirá à literatura sua autonomia (e dignidade, reputando mesmo a poesia como superior , por exemplo, à história, que se atém ao conhecimento do singular, enquanto a poesia visa o universal e neste sentido é mais **filosófica** - e, como é sabido, o conhecimento filosófico, em sua instância metafísica, isto é, o conhecimento das primeiras causas, é , para Aristóteles, a forma mais elevada do conhecimento), sistematizando, à sua maneira naturalista, como um botânico, pela primeira vez em sua totalidade, a teoria literária. A *Poética* é o texto fundador da disciplina e até hoje uma de suas bases.

Isto quanto às origens. Vamos examinar agora - sempre *en passant* - uma característica **sincrônica** da teoria literária que creio dotá-la de uma predisposição ao engajamento: sua relação com modelos importados de outros parâmetros teóricos, de outras disciplinas que, na melhor das hipóteses, a torna uma disciplina transdisciplinar por excelência e, na pior - quando se limita a justificar aplicações mecânicas de modelos científicos (lingüísticos, antropológicos, psicanalíticos ou marxistas - se se aceita ainda que o marxismo é um socialismo **científico**) a textos literários - ela se torna algo semelhante a uma paródia involuntária e sem graça, pois assim como a paródia, etimologicamente, é um canto paralelo, a teoria literária passa a ser

também uma espécie de **discurso paralelo** que não levanta vôo para se constituir em **meta-discurso**, como pretende.

A aplicação não-mecânica nem arbitrária e gratuita de um modelo sempre pode, é claro, ser proveitosa. Mesmo que esta aplicação não seja sistemática mas apenas um pouco mais do que metafórica. Um ótimo exemplo disto é a aplicação do quadro de referências da ciência médica no pensamento grego clássico em geral, da retórica à filosofia, passando pela história. Isto é exemplarmente visto na *Paidéia* de Jaeger e, aliás, é fundamental no ensaio de Derrida que nos interessa aqui: *A Farmácia de Platão*, com suas referências à etimologias de termos médicos a começar pelo próprio *pharmakós*, o ambíguo “remédio-veneno”.

Uma outra aplicação frutífera: a que Lévi-Strauss faz na antropologia da lingüística estrutural de Saussure via Jakobson e que está na origem de todos os chamados estruturalismos. Por outro lado, a matematização da física, que foi ótima para algumas ciências naturais, foi um grande equívoco no âmbito das ciências humanas (embora como metáfora, a imagem da revolução copernicana tenha tido um uso amplo e dinâmico de Maquiavel a Kant e é usada até por Lévi-Strauss - ao comparar a fonologia e a física nuclear na *Antropologia Estrutural*).

Agora, no caso da aplicação mecânica e infrutífera, os exemplos são inumeráveis mas podem ser mencionadas aqui as tradições venerandas das interpretações marxista e psicanalítica de textos literários (as primeiras rejuvenecidas - talvez às custas de algum vampirismo - pelo chamado ‘New Historicism’ e as segundas via Lacan, é claro).

Um paradoxo - ou apenas ironia - antes de fechar este tópico: observe-se a característica de fragmentação, de descentralização, de desconstrução das totalidades, conceitos, ciências, etc. que é o próprio espírito destas estratégias pós-modernas conduzidas pelas minorias que lançam mão destes conceitos da teoria literária em sua luta política. Foucault vs o discurso (de dominação), Barthes vs a linguagem (“fascista”), Derrida vs o logocentrismo da metafísica ocidental, Lyotard vs as ‘narrativas-mestras totalizantes’. E, no entanto, na base de quase todos estes movimentos, está a lingüística estrutural (e sua adaptação por Lévi-Strauss) que introduz a noção de *sistema* e visa a construção de *leis gerais*. É através destes parâmetros que *As Estruturas Elementares do Parentesco* - como *O Capital* e *A Interpretação dos Sonhos* - ordena um domínio aparentemente entregue à incoerência total, ao empírico.

Fragmentação, descentralização, desconstrução. São estas algumas das estratégias principais que as minorias adotam, nos EUA, via departamentos de teoria literária, para sua resistência e oposição ao poder. A batalha se dá no universo do discurso e uma importante fortaleza a ser tomada (ocupada ou pilhada e destruída?) é o cânone.

De onde vêm estas armas? O arsenal consiste de um grupo homogêneo de teóricos associados com o estruturalismo e o pós-estruturalismo: Lévi-Strauss, antropólogo; Lacan, psicanalista; Althusser, teórico do marxismo; Derrida e Foucault, filósofos - este último de certa forma também historiador e Barthes, semiólogo ligado à teoria e crítica literárias. De uma maneira geral eles têm em comum a rejeição de diversos princípios tradicionais da filosofia e da crítica literária: a noção de um sujeito ou indivíduo que produz a linguagem e dá sentido ao mundo através de um ato livre, intencional; a noção de um autor como o originador de uma obra literária; a idéia da linguagem como um meio pelo qual os seres humanos se comunicam entre si; a noção de que um argumento, ou sistemas mais amplos de pensamento, deveriam ser constituídos por argumentação coerente, com menção de provas; o sentido de história como tendo sido feita por atores humanos numa seqüência de ações e reações que podem ser registradas e interpretadas pela linguagem mas permanecem independentes dela.

Vamos ver, mais do que em linhas gerais, em alguns *flashes*, as posições mais explicitamente contestadoras destes autores a partir do comentário de certas posições suas bem como de algumas passagens pinçadas de suas obras:

- Derrida contesta as visões platônica e cartesiana da mente como um sistema de sentidos fechados enquanto, por outro lado, desafia as fronteiras entre vida e arte ou joga com as margens de gênero - como em Barthes, há uma indefinição das distinções entre os discursos da teoria e da literatura.

- A *desconstrução* é uma operação que consiste em denunciar num determinado texto (o da filosofia ocidental) aquilo que é valorizado e em nome de que e, ao mesmo tempo, em desrecalar o que foi estruturalmente dissimulado nesse texto. A leitura desconstrutora da metafísica ocidental se apresenta como a discussão dos pressupostos, dos conceitos dessa filosofia, e portanto a denúncia de seu alicerce logo-fono-etnocêntrico (a metafísica atribui ao *logos* a origem da verdade do ser, inseparável da *phoné* - substância fônica - que se confunde com o ser como presença; é um (pré)conceito que se instala com o platonismo. Apontar o centramento é

mostrar aquilo que é relevado no texto da filosofia; apontar o que foi recalçado e valorizá-lo é a fase de *renversement*. A leitura desconstrutora propõe-se como leitura descentrada e, por isso mesmo, não se reduz apenas ao movimento de *renversement*, pois aí estaria apenas deslocando o centro por inversão, quando a proposição radical é a de anulação do centro como lugar fixo e imóvel. Derrida parte aqui do uso que Lévi-Strauss faz do 'mito de referência', em que há um abandono declarado de toda referência a um *centro*, a um *sujeito*, a uma *referência* privilegiada ou a uma origem.

É do discurso logocêntrico que Barthes também se ocupa. Ele desloca as palavras, desfocaliza significantes de significados, desnivela a enunciação, marginaliza o discurso institucional submetendo o terreno lingüístico a breves mas constantes sismos. E esses leves abalos fazem oscilar o sujeito pleno no discurso logocêntrico, colaborando para que um novo sujeito aflore na História, liberto do imaginário (discurso, ideologia) que, por enquanto o lastreia e entrava. O objetivo de Barthes é fazer com que uma linguagem qualquer que seja não reprima outra, que os discursos possam ser plurais.

A estratégia de Foucault é converter a inferioridade global em superioridade local. Assim, um discurso minoritário não é o que tematiza ou defende as minorias - raciais, sexuais, religiosas - é o que se recusa a globalizar, a totalizar o pensamento - que nega matrizes. Em *A Ordem do Discurso*, texto de sua aula inaugural no College de France, Foucault se volta contra as restrições que compõem esta ordem. É neste texto que ele começa a elaborar o elemento de negação do sujeito. Numa entrevista, Foucault chegou a oferecer as idéias, frases e análises de sua obra, isolados ou não, para 'curto-circuitar', desqualificar os sistemas de poder.

Para Foucault, a contestação do indivíduo unificado e coerente se vincula a um questionamento mais geral a *qualquer* sistema totalizante ou homogeneizante. O provisório e o heterogêneo contaminam todas as tentativas organizadas que visam a unificar a coerência (formal ou temática). O centro já não é totalmente válido. E, a partir da perspectiva descentralizada, o marginal, o ex-cêntrico (seja em termos de classe, raça, gênero, orientação sexual ou etnia) assumem uma nova importância à luz do reconhecimento implícito de que na verdade nossa cultura não é o monólito homogêneo (isto é, masculina, classe média, heterossexual, branca e ocidental) que podemos ter presumido.

Agora, será que a teorização de Derrida, Foucault, e também Lacan e Lyotard, não estaria emaranhada em sua própria lógica de-doxificadora? O

que é o poder para Foucault, a escritura para Derrida, ou as classes para o marxismo? Cada uma destas perspectivas teóricas pode ser vista como profundamente implicada nesta noção de centro que elas tentam subverter.

Isto pode ser visto como um 'paradoxo', como fazem alguns autores que discutem esta problemática na perspectiva do pós-moderno - com uma veia intensamente auto-reflexiva que passa pela paródia - ou simplesmente como contradição.

De qualquer forma, esta perspectiva subversiva não pode deixar de ter algum apelo para movimentos de minorias mais ativos. O feminismo, por exemplo, traz consigo uma re-avaliação das formas de discurso não-canônicas. O re-pensar feminista da re-leitura que Lacan faz de Freud através de Saussure tem um grande impacto, talvez por fornecer um contexto psico-sexual para todas estas estratégias teóricas desestabilizadoras. Vemos, contudo, que a teoria feminista pós-estruturalista atua no sentido de recolocar a problemática do sujeito dentro da linguagem e dentro do discurso.

Mas antes de considerar mais de perto o problema do cânone especialmente, vamos passar por algumas críticas às bases desta posição teórica. O ativismo em torno destas posições é atacado classicamente por Allan Bloom em *The Closing of American Mind* e não vamos nos deter neste ataque. Os ataques às bases teóricas que seriam dignos de menção são muitos. O desconstrucionismo literário já foi brilhantemente comparado por um autor polonês, Wojciech Skalmowski, à novilíngua do 1984 de Orwell (valorização bipolar, pragmatismo e ritualismo, manipulação arbitrária da semântica, nebulosidade, caráter idiomático das frases formuladas, seletividade do conteúdo). A valorização bipolar, por exemplo, divide a maior parte dos principais termos da teoria em **positivos** e **negativos**. Ao termo **negativo** pertencem, por exemplo: **hierarquia, sistema, instituição, controle, cânone**. Termos **positivos**: **marginal, radical, resistente**. Cada um desses termos traz as associações bem determinadas pela doutrina. Por exemplo, o termo **marginal** quer dizer posto de lado pelo sistema e por isso desmascarante, significativo, revolucionário. Assim, também, determinados grupos sociais considerados marginais ganham, automaticamente, uma conotação positiva (mulheres, homossexuais, negros, etc.).

Ou esta passagem, de uma introdução a uma antologia sobre Nietzsche:

(...)Os críticos literários recentemente recrutaram Nietzsche para matar Moby Dick usando a 'gaia ciência' como base para o assassinato dos grandes textos e a

negação das obras-primas bem como um ataque frontal sobre a filosofia (Salomon, 1988, p. 5).

Mas o ataque mais sistemático, exaustivo e feroz que conheço é o de Brian Vickers, especialista em Shakespeare, Francis Bacon e a Inglaterra Elizabetana em geral, curiosamente num livro sobre Shakespeare: *Appropriating Shakespeare* (New Haven, Yale Univ. Press, 1993). O livro é um libelo contra uma plêiade de leituras de Shakespeare: desconstrucionistas, neo-historicistas, psico-críticos, feministas, cristãos, marxistas, etc. Mas Vickers situa o cerne do mal, a raiz de todas estas perversões, num fenômeno que ele chama de “a diminuição da linguagem” e que serve de título ao capítulo inicial do livro com o sub-título “de Saussure a Derrida”. Ele vai procurar solapar minuciosamente os pressupostos teóricos de Saussure (que teriam sido, inclusive, mal-interpretados), Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, Barthes, Foucault e Derrida.

Suas críticas centram-se na tentativa de Saussure (ou mais apropriadamente de seus intérpretes) de tratar a linguagem como um sistema inteiramente auto-suficiente excluindo a interação entre indivíduo e coletividade e portanto a natureza social da linguagem. Quanto aos outros, cada um deles representaria uma notória negação da possibilidade de a linguagem referir-se à realidade, todas elas derivando da fratura da noção de Saussure de signo lingüístico.

Quero, enfim, terminar esta série de colocações mais ou menos desordenadas que giram em torno de minha questão O que é a teoria literária agora? com algumas considerações sobre um tópico central nos atuais debates: o cânone, este pau-de-sêbo olímpico.

Num excelente pequeno ensaio, *Forms of Attention* (Chicago, The University of Chicago Press, 1985), Frank Kermode - depois de na primeira parte acompanhar o desprestígio, o olvido e a recuperação e glorificação do pintor renascentista florentino Sandro Botticelli e, na segunda, acompanhar certas mudanças, com o passar do tempo, na leitura do *Hamlet* de Shakespeare, examina, por assim dizer, a queda e escensão de John Donne. No início do século XVII a fama de Donne começa a declinar. Foram feitas tentativas para preservá-la numa época que professava padrões diferentes e tinha noções diferentes de excelência; um comentador alega que *The Good Morrow* não é um poema erótico mas se dirige a Deus, e que a epístola lesbica *Sappho to Philaenis* é uma alegoria da relação entre Cristo e sua Igreja. É um método altamente tradicional de salvar poesia erótica para o

cânone: foi usado no século I a. D. para salvar o *Cântico dos Cânticos*. Mas desta vez não funcionou.

O renascimento de Donne, no início do século XX, dependeu de uma reavaliação de um passado então visto como tendo sido subestimado pelas gerações intermediárias, cada uma parcialmente cega por seus próprios preconceitos - isto é, cada uma confundindo seu costume com a natureza e sua opinião com conhecimento. Uma nova concepção da faculdade criativa, uma nova compreensão de que o raciocínio pode ser aliado ao invés de inimigo da paixão, uma nova compreensão da história, transformando a velha opinião sobre o fim da Idade Média e o Renascimento - todas estas coisas foram preliminares necessários à restauração de Donne. Também foi necessário que estas transformações se tornassem meras questões de opinião; terreno familiar para um público leitor, não só para os eruditos.

Kermode mostra como este processo - como no caso de Botticelli - foi realizado tanto no terreno do conhecimento como no da opinião e mostra como a permanência de uma obra no cânone depende de uma permanente modernidade, que é conferida a obras escolhidas por argumentos e persuasões que não podem, por sua vez, permanecer modernos. (Assim, mais tarde, T.S.Eliot vai dizer que a voga de Donne - no primeiro quarto do século XX - foi um caso do presente e do passado recente e não do futuro.)

O que transparece no processo que Kermode nos mostra é que todas as centralidades (ou centralizações) são precárias por natureza. Cada um pode remarginalizar o que o outro centralizou e centralizar alguma outra coisa; cada um pode re-hierarquizar os elementos que um outro se deu ao trabalho de des-hierarquizar.

É uma conclusão óbvia - mas creio que neste terreno não se pode pedir muito mais do que isto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SALOMON, R. C., HIGGINS, K. M. (Ed.) *Reading Nietzsche*. Oxford: University Press, 1988.